

AVALIANDO UMA POLÍTICA DE ACESSO À ÁGUA NO SEMIÁRIDO NORDESTINO

Área temática: Tecnologia e trabalho

Valtércio M. da Silva¹, Gicélio Cassiano de Figueiredo², Isaías da Silva Araújo³

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal-RN –
tercioabcf@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal-RN -
gicelio.figueiredo@hotmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal-RN –
isaiaspj1@hotmail.com

Resumo

A pesquisa foi realizada com o objetivo de trazer às claras as transformações que a Política Pública de acesso à água, o Programa um Milhão de Cisternas (P1MC) do Governo Federal, tem trazido para modificar e melhorar a vida da população do semiárido na sua relação e convivência, suas possibilidades, potencialidades, também suas limitações e perspectivas. Para desenvolvimento desse trabalho de estudo da realidade, nossa proposta se encaminhou pelos princípios metodológicos da pesquisa qualitativa, caracterizando-se como uma pesquisa de campo. Desse modo, a metodologia dessa pesquisa se desenvolveu a partir da elaboração de uma entrevista para ser realizada com as pessoas beneficiadas pelo programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) do Governo Federal. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas entrevistas gravadas por meios de visitas e conversas informais com pessoas beneficiadas pelo programa P1MC. Tivemos como lócus de pesquisa, as seguintes cidades do Rio Grande do Norte: Bom Jesus, São Miguel do Gostoso e Patu. A pesquisa pôde constatar a importância das cisternas para a população que é atendida por essa Política Pública. Houve mudanças e transformações na vida delas, a principal delas é o acesso à água para consumo.

Palavras-chave: Semiárido nordestino; Programa um Milhão de Cisternas (P1MC); Acesso à água.

1 Introdução

“Essas cisterna como eu lhe disse abaixo de Deus é.”

Para avaliar o acesso à água no Semiárido Nordeste, a pesquisa foi realizada a partir da temática abordada de trazer às claras as transformações que a Política Pública de acesso à água, o Programa um Milhão de Cisternas (P1MC) do Governo Federal que é desenvolvido pela sociedade civil em conjunto com a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), tem trazido para modificar e melhorar a vida da população dessa região na sua relação e convivência, suas possibilidades, potencialidades, também suas limitações e perspectivas, trazendo assim uma superação das Políticas Públicas para essa região que antes eram pensadas e realizadas na perspectiva de combate à seca, agora são superadas e trabalhadas com o desafio de conviver com o Semiárido.

Essa pesquisa foi norteada por algumas reflexões acerca de tal Política. Os objetivos que cercearam essa atividade era avaliar os impactos e mudanças na vida da população beneficiada, trazendo assim as implicações na vida das pessoas, como também constatar qual a efetividade da Política, como a população ver essa política em sua vida, como a população se relaciona com ela, se a população participa dela, como a população ver o desenvolvimento e a execução da Política e também quais são as limitações e gargalos que encontramos em sua execução, onde ela ainda precisa ser superada para que possa ser uma Política efetiva para a transformação da vida de dessas pessoas que são tão violentadas pela falta da água que é um bem vital a toda a humanidade.

Para desenvolvimento desse trabalho de estudo da realidade, nossa proposta se encaminhou pelos princípios metodológicos da pesquisa qualitativa, caracterizando-se como uma pesquisa de campo. O estudo foi realizado para observar a realidade, partindo da literatura que envolve a temática do acesso à água no Semiárido Nordeste em teses, artigos acadêmicos, como também literaturas desenvolvidas pela sociedade civil, como a Articulação do Semiárido brasileiro (ASA) que se debruçam sobre a problemática. Esses foram os primeiros lampejos da temática para assim partir para desvendar a realidade específica de cada local, pois a realidade é complexa e diversa. Desse modo, a metodologia dessa pesquisa se desenvolveu a partir da elaboração de uma entrevista para ser realizada com as pessoas beneficiadas pelo programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) do Governo Federal. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas entrevistas gravadas por meios de visitas e conversas informais com

estudantes, donos e donas de casa, trabalhadores e trabalhadoras do meio rural. As entrevistas foram realizadas no interior do estado, para isso foi preciso que viajássemos para os locais onde essas pessoas moravam. Tivemos como lócus de pesquisa, as seguintes cidades do Rio Grande do Norte: Bom Jesus, São Miguel do Gostoso e Patu.

A busca de desvendar e revelar verdadeiramente a realidade se realizou em diversos lugares em que o público alvo estava presente, seja em suas casas, trabalho, locais de lazer, de forma que os observados e entrevistados se sentissem à vontade para mostrar de fato a verdadeira realidade de suas vidas. Por isso, procuramos ser o mais neutro possível para transparecer verdadeiramente as falas, comportamentos e fatos identificados e observados na atividade da pesquisa de campo.

No distrito de Grossos, em Bom Jesus, onde foram entrevistadas duas pessoas, um homem de sessenta e sete anos que morava na cidade há vinte e oito anos e uma mulher de setenta e sete anos que morava no local desde seu nascimento. Para essas entrevistas em Bom Jesus, eu viajei com a neta da senhora de Setenta e sete anos, chegamos à cidade pela manhã, passei o dia na casa, realizando conversas informais e só pela tarde quando eu já estava voltando é que as entrevistas foram realizadas. Fiz isso para ganhar a confiança das pessoas, procurei ao máximo deixar os entrevistados à vontade para que as entrevistas fossem realizadas e assim os entrevistados pudessem transparecer a realidade. Nessas entrevistas, encontrei uma dificuldade específica, uma das pessoas que eu fui entrevistar, alegou que não tinha tempo, mas como eu conheci muita gente na casa, a sogra da pessoa que se recusou permitiu a entrevista e a gravação.

Na cidade de São Miguel do Gostoso, foi entrevistado um jovem de 22 anos, residente do distrito de Tábua. Essa entrevista foi realizada durante o I Encontro de Juventude e Economia Solidária do Fórum Potiguar de Economia Solidária. O jovem entrevistado tem uma forte participação na sua comunidade, entre as atividades que ele participa a que se destaca é que ele é o Presidente do Banco Comunitário de São Miguel do Gostoso, o primeiro banco comunitário do Rio Grande do Norte. Ele também faz parte da associação de moradores, grupo de jovens, feira agroecológicas e do Fórum de Políticas Públicas do Município.

A outra entrevista foi realizada no Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), uma jovem de 17 anos que estuda na Universidade no curso de Serviço Social, mas que é natural de Patu. Todos os entrevistados tinham em suas casas a Cisterna do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) do Governo Federal.

Para realização das entrevistas foram encontradas algumas dificuldades, principalmente pela distância, tendo em vista que as pessoas que deviam ser entrevistadas residem fora de Natal, cidade onde resido, porém também encontrei alguns fatores que facilitaram a pesquisa e consequentemente as entrevistas, o fato de trabalhar em um Programa de Extensão da Universidade que dialoga com as pessoas do meio rural, movimentos, empreendimentos, cooperativas e associações, isso contribuiu e enriqueceu a pesquisa, como também o fato de ser uma temática voltada para o Nordeste e o pesquisador ter uma relação de aproximação com a região.

Para mostrarmos a relação do Serviço Social com essa temática e como nos relacionamos com as Políticas Públicas, Gestão e Avaliação das Políticas Públicas e também com as relações sociais modificadas com execução de tal Política abordada, modificando e implicando na formação Política, Econômica e Social das pessoas que residem nesses locais, nesse caso o Semiárido Nordestino. Temos as Políticas Públicas como estratégias de como alterar e melhorar a qualidade de vida da população, sendo as Políticas Públicas uma ferramenta de trabalho do Assistente Social. Esse trabalho também tem o objetivo de analisar e socializar as ações decorrentes nessa região que atribuem melhoria na vida população, sendo ações que envolvem a sociedade civil, partindo de Gramsci que vai trazer uma visão de Estado ampliado, onde a sociedade civil tem função importante na relação de forças com o Estado. (GRAMSCI, 1991)

2 O semiárido: alguns apontamentos

“A água está em primeiro lugar porque sem a água ninguém não vai”

Para entrarmos na temática a ser desenvolvida, necessariamente, temos de mostrar o que a literatura conta acerca da história da região do Semiárido Nordestino, por isso começaremos a fazer um passeio para sabermos quem é essa região e quais são as suas características.

O Semiárido Nordestino, segundo Silva (2006), ao longo do tempo teve outras denominações, primeiro foi chamado de Sertão e Nordeste das Secas. Apenas em 1936, foi oficialmente delimitada como região do Polígono das Secas. Em 1988, na constituinte, vai surgir a denominação técnica de Semiárido, estando amparado pelo artigo 159 que contempla o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE). A lei destina o recurso de 50% a essa região. Em 1989, cria-se a lei 7.827 que insere o

Semiárido na área onde se localizava a Sudene, caracterizando-a como área de precipitação pluviométrica entre 800mm anual igual ou inferior.

Em 2005, o Ministério da Integração Nacional mostra uma nova atualização dessa área, criando novos critérios para sua formação, sendo elas a ocorrência das chuvas anuais, em média entre 800mm, um número de aridez entre 1961 a 1990 de 0,5 calculado de acordo com o balanço hídrico que levam em conta as precipitações e a evapotranspiração potencial, tendo o risco de seca entre 1970 e 1990 de 60%. Estando essa região composta por 1.133 municípios com uma área de 969.589,4 Km, abrangendo quase 90% da região Nordeste, estando nos estados do (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia). Somando-se a uma parte do estado de Minas Gerais. Tem uma população de 21 milhões de habitantes, constituindo-se assim 11% da população do Brasil, a região do Semiárido tem se tornado cada vez mais um espaço urbano, o total da população tem crescido cerca de 8,62%, entretanto o crescimento urbano foi de 26,48%, e a população rural cresceu 8,16% isso entre 1991 e 2000. Mostra-se assim um fenômeno, desenha-se assim a concentração da população do sertão nas áreas urbanas, principalmente nas periferias das cidades. (IBGE)

Alguns autores da literatura ousaram mostrar quais são os maiores problemas do Semiárido Nordestino, podemos encontrar algumas constantes análises que colocam em comum os verdadeiros problemas dessa região.

Um dos maiores pesquisadores do Semiárido foi Celso Furtado, o autor vai trazer uma nova visão ampliada dos problemas que assolam essa região e a população que nela residem, trazendo assim novos horizontes e desafios para aqueles que se interessam pela temática. Ele traz a concepção de que os maiores problemas não estão na seca, ou seja, no âmbito natural, esse era apenas um dos problemas, mas que o maior problema estava na questão das políticas desenvolvidas para a região, ele deslocou o foco natural para o foco social.

Celso Furtado inventou o Nordeste e deu-lhe um projeto. Até ele, o problema dos estados Nordestinos era natural, decorrentes da escassez de chuvas, a solução estava nas engenharias que acumulassem água. Celso Furtado trouxe o problema do espaço natural para o social, mudou os objetivos das reservas de água para o propósito de aumento da riqueza e sua distribuição. Retirou a responsabilidade das nuvens e colocou-as na política. (BUARQUE, 2000, p. 61-62).

Percebemos que com o passar do tempo vai se criando um novo conceito para não mais combater a seca, mas de convivência com o clima do Semiárido, e de políticas que estejam em sintonia com essa nova maneira de enxergar essa região e as pessoas que nela vivem.

Sabendo o quanto a água é algo raro e escasso no Semiárido, a primeira pergunta para entrarmos no universo dessas pessoas que habitam nessa região foi: “quando você escuta a palavra água, o que vem à sua cabeça?”. Essa pergunta foi feita para sabermos o que essas pessoas pensam do significado da palavra água e as respostas foram diferentes, mas tinha um significado em comum em todas as respostas. A água para esse povo remete à felicidade, riqueza, vida, são respostas de pessoas que sofrem pela falta desse bem primordial para a vida dos seres humanos. Podemos apresentar algumas respostas dos entrevistados: “felicidade, de alegria, algo diferente”, “a água está em primeiro lugar porque sem a água ninguém não vai”, “hoje a gente tá tudo rico”, “coisa boa porque água é natureza e se num fosse água num existia ninguém assim, eu acho”, “Ah saúde, vida, tudo aquilo que é felicidade. A partir das falas, podemos afirmar a importância desse elemento vital para a vida da população, também podemos extrair um significado diferente comparando com alguém que mora em uma cidade de uma zona urbana onde se tem água na torneira a toda hora, para essas pessoas entrevistadas, a água é uma riqueza da qual não se pode comparar a nenhuma outra coisa.

Observando as falas das pessoas, podemos imaginar como é viver sem água, viver sem algo que é extremamente importante para a vida humana, pois a água é uma necessidade para a vida de todos, pois essas pessoas viviam sem acesso à água antes de terem acesso ao programa “Um milhão de Cisternas” do Governo Federal (P1MC), desenvolvido pela ASA no Semiárido.

Durante as entrevistas perguntamos: “como era antes e como está sendo após as cisternas?”. Essa pergunta foi feita para tentamos nos aproximar de como era a relação dessas pessoas com a água e como o acesso à água por meio das cisternas transformou a vida delas. Obtivemos as seguintes respostas: “comprar água nos chamados carro pipas”, “Ave Maria, eu carregava água de tão longe, fui buscar água até em Vera Cruz”, “a gente esperava água salgada para cozinha e comer”, “era bem difícil a água ruim, o pessoal tinha muito problema de saúde, por causa da água, foi identificado que a água tem alguns problemas na água algumas doenças, as crianças sofriam bastante”, “tinha que pegar água em outra comunidade”,

“que é como eu tô li dizendo num é todo mundo que pode fazer, construir uma cisterna dessa, puxa do bolso né.

Aqui, podemos observar nas falas, que o acesso água muda a vida das pessoas, são diversos fatores que são apresentados como na relação de gênero, levando em conta que nesses lugares as mulheres e as crianças são encarregados da tarefa de ir pegar água e manter a casa abastecida, também observamos a questão econômica, pois a água era comprada por quem tinha condições financeiras, quando passamos pela questão da saúde observamos que a água que eles consumiam antes não era de qualidade, acarretando doenças, sendo as crianças as que mais sofriam com a mortalidade infantil da região, problema que sempre esteve presente no Semiárido Nordeste, destacamos também como as Políticas Públicas foram implementadas nessa região, quando o problema de armazenar também passa pelo poder aquisitivo de poder construir uma cisterna na casa das pessoas, além de armazenar água da chuva as pessoas podem abastecer a cisterna com carro pipa, isso é uma grande mudança, pois antes eles pegariam água na casa de alguém e ficariam devendo um favor que muitas vezes era pago com o seu voto nas eleições. Isso é uma ação que o Estado não realizava antes. Também podemos ver que os problemas no Semiárido não são apenas de fator natural como alguns ainda hoje insistem em dizer, mas que esse problema pode ser superado com Políticas Públicas que caminhem de acordo com a convivência com o clima da região e suas características. Duque e Cirne (1998) afirmam que “a seca agudiza uma fragilidade já existente cujas causas são sociais antes de serem ambientais” (p. 133). Temos aqui mais uma fala que retrata a questão econômica dessas famílias beneficiadas, “o povo da cidade se pudesse fazer dessas cisternas, se tivesse canto eu acho que todo mundo queria um dessa, que é como eu tô li dizendo num é todo mundo que pode fazer, construir uma cisterna dessa, puxa do bolso né”. Isso retrata quais as possibilidades dessas pessoas em poder construir uma cisterna na sua casa, retirando o problema do foco da natureza e expondo onde está a sua raiz, o fator social.

“Chove no sertão o suficiente para a manutenção da população, inclusive nos períodos de estiagem. O problema é que a evaporação de água é muito grande, sendo a situação agravada pela armazenagem inadequada.” (MALVEZZI, 2007, p. 31)

Aqui apresentamos um histórico de como as Políticas foram implementadas na região do Semiárido, “açude público em terra particular são duas entidades que não combinam”. (DUQUE, 2001, p. 169). Esse autor juntamente com Celso Furtado foi perseguido pelos grandes e médios

proprietários de terra que se apropriavam da construção dos açudes e trocavam água por voto, fazendo da água uma moeda de troca.

Apresentamos aqui a relação das mulheres, como historicamente elas foram excluídas. Silva (2006) vai trazer que no Semiárido como também nas outras regiões do Brasil, a mulher vai sofrer com o patriarcado machista da sociedade que torna o ambiente desigual e inapropriado para o desenvolvimento das capacidades humanas baseada na liberdade. Durante muitos anos, as mulheres foram vítimas de uma sociedade que por meio da violência suprimia e cerceava os direitos da liberdade feminina, também foram destinadas desde criança ao espaço da casa como possibilidade de vida, esse devia ser o seu lugar na sociedade, entrando nesse momento a responsabilidade com a manutenção e abastecimento de água da casa, onde percorria longas distâncias com uma lata na cabeça, sendo essa uma das imagens da mulher nordestina que ficou em nosso imaginário. Trazendo também a situação dessas mulheres durante os longos períodos de seca quando o homem partia para outra cidade em busca de emprego para sustento da família, ficaram conhecidas como as “viúvas da seca”.

Podemos observar as falas: “Há muitos e muitos que iam a Vera Cruz, dava muitos quilômetros daqui lá, muitos quilômetros na cabeça”, “Foi muito bom pra mim, todo mundo, todo mundo achou bom essas cisternas porque antes comé quando num tinha essa água encanada aí apareceu essas cisternas foi muito bom, carregava água de longe, em Cafundinha, Perandi.”, “Ave Maria, eu carregava água de tão longe, fui buscar água até em Vera Cruz, foi.”, “tinha que pegar água em outra comunidade”.

O acesso à água na casa das famílias tem contribuído para transformar ou mudar as relações de gênero, pois antes do programa, a mulher ficava responsável pela tarefa de ir buscar a água, isso resulta em menos esforços físicos para as mulheres e as crianças, resultando em mais tempo para outras atividades. São mudanças significativas que vão construindo novas relações dessas mulheres com seus esposos e com a comunidade onde elas vivem.

3 O programa um milhão de cisternas (p1mc)

“Porque quando Deus manda a chuva ela enche que sangra”



Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=cisternas+RN+ASA&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=w->. Acesso em: 10 dez. 2013

O Programa de Formação e Mobilização Social para Convivência com o Semiárido: Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC), surge em 2001, em uma conferência de combate a desertificação e à seca, em Recife, assim a Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA) é fundada, com a perspectiva e meta de construir um milhão de cisternas rurais para suprir as necessidades básicas da população no Semiárido. Recebendo inicialmente apoio da agência Nacional de Águas (ANA) do Ministério do Meio Ambiente (MMA), em 2003, o Programa foi congregado ao Governo Federal como política de governo, dirigidos pelos Ministérios Extraordinários de Segurança Alimentar e Nutricional (MESA), que depois deu lugar ao Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Também tem contado com apoio orçamentário da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf).

Hoje, o Programa já atingiu mais da metade da meta, já foram construídas mais de 500 mil cisternas no Semiárido, interferindo na vida de milhares de famílias que se encontram nessa região, modificando as relações, econômicas, sociais, culturais e políticas da população.

A construção das cisternas conta com a participação da população em alguma parte do processo de construção, podendo ser na escavação do

buraco onde ela vai ser instalada, nos custos do pedreiro como alimentação e estadia, assim possibilita a população ter a consciência do seu poder de organização de sua comunidade, fazendo crescer e articular-se para futuramente reivindicar outros direitos básicos.

A avaliação de uma Política Pública tem a responsabilidade de acompanhar todas as fases da política, desde a identificação do problema, seu gerenciamento, até as mudanças ocorridas em função de sua realização. A avaliação tem o objetivo de mostrar informações de como a política poderia ser melhor gerida, revelando as potencialidades e as limitações dela quando foi implementada, possibilitando realizar de modo mais eficiente e assim aumentar a sua efetividade, eficiência e eficácia.

Para Holanda (2003), em um sentido estrito – como é o caso da abordagem adotada neste documento – avaliar é determinar o mérito e a prioridade de um projeto de investimento ou de um programa social, geralmente financiado com recursos públicos e voltado para resolver um determinado problema econômico ou social. Por isso aquilo que chamamos avaliação é geralmente caracterizado, na literatura especializada, como avaliação de programas (“program evaluation”).

Quando a avaliação da conta de mostrar desde o planejamento, passando pelo processo de realização até os efeitos de curto, médio ou longo prazo em um processo que todas as fases devem estar integradas, podemos assim afirmar que ela foi uma avaliação abrangente.

Como o programa tem efetivamente modificado a vidas dessas pessoas que são assistidas por essa política, aqui vamos trazer alguns relatos dos entrevistados no qual percebemos essas mudanças ou transformações: “hoje a gente tá tudo rico”, “mas hoje com as cisternas é, podemos reservar né com esse reservatório podemos reservar água para banho, para cozinhar, para lavar louça”, “porque quando Deus manda a chuva ela enche que sangra pra né quê pra gente beber e cozinhar, banho”, “a gente tem a água em casa né, água fina, num é porque num é água mineral, mas é água que Deus manda né”, “ter possuir uma cisterna hoje e achando muito bom, porque quando vem a chuva chove e enche as cisternas ninguém se preocupa tanto com água, tem água em casa, na porta, água doce”. Podemos assim perceber diante das respostas o quanto as cisternas têm trazido algo de bom para a vida dessa população, gente que sente na vida o quanto a água é importante, constatamos aqui que o Programa (PIMC) tem uma enorme contribuição na vida do povo.

Para falar das mudanças com relação a saúde da população temos aqui algumas falas que afirmam o que os autores abordam, vejamos

algumas: “depois das cisternas uma água melhor, sadia, doce de qualidade, uma expectativa de saúde mesmo”, “tem água na biqueira de casa, que só vai melhora a qualidade de vida da população”, “água salgada que me dava desinteria”. Assim, podemos dizer que o acesso a água por meio do Programa veio trazer uma perspectiva de saúde da população que é beneficiada, sabemos que a saúde é um conjunto de relação, nesse caso podemos identificar ganho na promoção. LUNA (2009) vai avaliar as mudanças na vida da população beneficiada pelas Cisternas, principalmente com relação à saúde com a diminuição do número de casos de diarreia nas casas que possuem a cisterna.

A partir do estudo de Avaliação de Impacto do Programa um Milhão de Cisternas (P1MC) na Saúde é possível constatar a que houve diminuição na ocorrência de episódios diarréicos na população rural do agreste pernambucano. Verificou-se que a incidência de diarreia nos moradores dos domicílios com cisterna foi de 7,7%, enquanto nos residentes em domicílios sem cisterna, de 24,5%. Esses dados revelam que a chance de ocorrência de episódios diarréicos é 79% maior entre os residentes em domicílios sem cisternas. (LUNA, 2009, p. 10)

Silva (2006) também vai fazer uma relação do acesso à água de qualidade e no que isso reflete na vida dessas pessoas. Para esse autor, a água para essa população vai repercutir na diminuição das doenças e principalmente da diminuição da mortalidade infantil da região, portanto a água para essas pessoas também é vida.

Articulação do Semiárido brasileiro (ASA) tem firmado parcerias e se articulado com os demais órgãos que atuam no Semiárido. O trabalho com o Programa Um Milhão de Cisternas desenvolvido pela da ASA tem estabelecido uma relação de confiança com os trabalhadores e trabalhadoras dessa região e com as demais entidades que atuam como sindicatos, ONGs, igrejas, associações, cooperativas. O Governo Federal através do (MDS) Ministério do desenvolvimento Social firma a parceria com a ASA para continuidade do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) e o Programa P1+2 Um Terra e Duas Águas que já é uma ampliação do (P1MC). A parceria do Governo Federal foi interrompida em 2011 quando o Governo decidiu distribuir as cisternas de plástico alegando ser mais rápido, porém a ASA e as entidades do Semiárido se posicionaram contra essa medida.

4 A participação da população na implantação do programa

“É porque quem tem uma dessa eu vô dizer uma coisa tá rico né”.

Quando perguntamos acerca da participação dos trabalhadores e trabalhadoras na execução da política, também podemos constatar a importância do povo, não apenas como beneficiado, mas também como uma ação que fortalece a comunidade na luta por direitos e na organização popular, a metodologia da implantação da política tem uma relação de pertencimento com a ação desenvolvida na comunidade, pois as pessoas participam, vejamos aqui algumas falas que transmitem isso: “Sim eu participei muito”, “Teve capacitações e tive várias reuniões para ter a cisterna em casa, isso ajudou bastante”, “O programa vinha, o pedreiro e o material e o dono da casa dava o servente, então fui o servente e meu irmão também ajudaram a levantar a cisterna lá de casa”, “Sim eu participei”.

Os autores e a literatura que discutem o Semiárido mostram um novo olhar sobre essa temática na região, o discurso de combate à seca foi superado pelo de convivência com o Semiárido, fruto de diversas pesquisas de grandes referências. Por muito tempo e ainda hoje os problemas dessa região são colocados por falta de água, porém as Políticas desenvolvidas no Semiárido sempre foram realizadas para fortalecer os grandes proprietários de terra, fazendeiros, contribuindo para a dependência da população mais pobre e o aumento das desigualdades sociais no sertão. “O desenvolvimento dessa região passa por uma articulação dos movimentos sociais, sindicatos, ONGs e outras partes da sociedade civil, uma construção coletiva de novas perspectivas de acesso à água e de vida”. (SILVA, 2006, p.250)

Fazendo uma avaliação de quais são as limitações da política, encontramos uma questão importante para fazer uma reflexão no meio da pesquisa. Descobrimos uma modificação, uma atitude do Governo Federal em 2011 para cumprimento das metas do Programa, a colocação de cisternas plásticas, a Articulação do Semiárido (ASA) se colocou contra a atitude do Governo, pois a substituição dessas cisternas implicaria na organização da sociedade civil, entendendo que a construção das cisternas de convencionais de placa, movimenta e articula os diversos atores na construção dessa nova relação de convivência com o Semiárido, ao mesmo tempo que encarece o custo das cisternas no dobro do preço. Para sabermos o que a população pensa a respeito disso, perguntei ao último entrevistado o que ele pensa a respeito e assim foi respondido: “não vejo com bons olhos essa ideia não, porque a cisterna de plástico vem toda montadinha, toda

pronta, não é uma coisa que discutida e debatida no coletivo como a de placa é, a de placa existe toda uma discussão, a família se capacita para entender e como fazer a cisterna e dá um negócio de empoderamento de dizer isso é meu, eu construí, e tem um cuidado melhor, uma cisterna de que não seja de placa não tem esse zelo que as cisterna de convencional tem as cisternas de placa”. Assim, podemos constatar que os trabalhadores e trabalhadoras estão em sintonia com as organizações que trabalham na execução dessa política, notemos na fala do entrevistado que a forma como é realizada a construção das cisternas envolve todos aqueles que são beneficiados, indo para além de um benefício, articulando a sociedade civil, para luta de novos direitos por meio da organização das comunidades.

Podemos observar algumas limitações da política quando se refere a abrangência, notamos que ela precisa avançar no quesito de universalizar o direito, pelas falas percebemos que nem todas as pessoas são atendidas, pelo número insuficiente de cisternas oferecidas, pois a demanda é maior. Perguntamos: “o que vocês acham que poderia melhorar nas cisternas?” e recebemos as seguintes respostas: “é porque quem tem uma dessa eu vô dizer uma coisa, comé tá rico né”, “para que todos da comunidade possam ter”, “era vir mais cisternas para quem não tem cisterna”. Assim podemos fazer a constatação de que o direito ao acesso à água deve ser ampliado a todos que dela necessitam, pois as falas vão de encontro com essa análise.

5 Conclusões

“Ter possuir uma cisterna hoje e achando muito bom, porque quando vem a chuva chove e enche as cisternas ninguém se preocupa tanto com água”

A pesquisa pôde constatar a importância das cisternas para a população que é atendida por essa Política Pública, trazendo as implicações, mudanças e transformações na vida das pessoas, desde o acesso à água para consumo, beber e cozinhar, que é a sua principal utilidade, passando pela questão da saúde que a água de qualidade proporciona a população, as relações de gênero e a mudança para a mulher, chegando à importância da sociedade civil na construção das políticas, articulando os diversos setores da sociedade, as novas perspectivas de organização da população para a convivência com o Semiárido, as tecnologias populares, culminando com a ampliação da concepção de democracia em que vivemos, pois a sociedade civil está se fortalecendo por meio da articulação das instituições presentes nesses locais onde os

trabalhadores e trabalhadoras participam na construção da melhoria de suas vidas.

O Programa sofre críticas por se tratar de uma política que depende da chuva para funcionar e está focalizada, porém essa é a direção da política, conviver com as adversidades dessa região, trazendo uma nova maneira de se relacionar com os problemas e particularidades da Região do Semiárido.

A pesquisa proporcionou conhecer melhor as estratégias que a sociedade civil está desempenhando no Semiárido Nordeste, conhecer o que está acontecendo com as pessoas dessa região, muitas vezes com possibilidades de transformação, outras vezes limitadas pelos recursos que não permitem atingir toda a população, mas o que vale enaltecer é que têm ações acontecendo e modificando para melhor a vida do povo sofrido desse local e que o povo participa da construção de uma melhor convivência com o Semiárido Nordeste.

6 Referências

ASA, Articulação no Semiárido Brasileiro. **Declaração do Semiárido brasileiro: O Semiárido tem direito a uma política adequada.** Recife: ASA, 1999.

BUARQUE, Cristovam. **A desordem do progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FURTADO, C. **O Nordeste: reflexões sobre uma política alternativa de desenvolvimento.** Revista de Economia Política, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 5-14, jul.-set. 1984. (Centro de Economia Política).

DUQUE, Ghislaine; CIRNE, Maria Nilza Ramalho. **Pobreza Rural no Nordeste Semiárido: Cidadania ou exclusão social?** In: Ferreira, Ângela D. Damasceno; Brandenburg, Alfin (Org). Para Pensar Outra Agricultura. Curitiba/PR: Editora UFPR, 1998.

HOLANDA, Antonio Nilson Craveiro. **ProInfo: Perspectivas e Desafios, Relatório de Avaliação.** Universidade de Brasília, 2003.

LUNA, Carlos Feitosa; et al. **Avaliação de impacto do Programa um Milhão de Cisternas (P1MC) na saúde: ocorrência de episódios**

diarréicos na população rural do agreste pernambucano. Artigo fornecido pelo autor. (no prelo)

MALVEZZI, Roberto. **Semiárido: Uma Visão Holística. Série Pensar o Brasil e Construir o Futuro da Nação.** Brasília: Confea, 2007.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento.** Brasília: UnB, 2006.

SITES CONSULTADOS:

Site da avaliação da cisterna
<<http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/PainelPEI/Publicacoes/Avaliacao%20da%20Sustentabilidade%20do%20Programa%20Cisternas%20do%20MDS%20em%20Parceria%20com%20a%20ASA%20-Agua-Vida-2.pdf>> Acesso em: 08 dez. 2013

<http://www.asabrazil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD_NOTICIA=7660> Acesso em: 08 dez. 2013

<http://asabrazil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD_NOTICIA=7676> Acesso em: 10 dez. 2013

<http://www.senado.gov.br/comissoes/CMMC/AP/AP20090924_ASA_Vida%20Semiario.pdf> Acesso em: 10 dez. 2013